

NOS TEMPOS DE MELINHA MARCHIOTTI: A SITUAÇÃO HOMOSSEXUAL NA PASSAGEM DO SÉCULO XX PARA O XXI.

Miguel Rodrigues de Sousa Neto¹

Resumo: Neste trabalho objetivamos compreender o processo de transformação dos grupos sociais formados por gays, lésbicas bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: homossexualidades; cultura; democracia.

Abstract: In this work we objectify to understand the process of transformation of the social groups formed by gays, bisexuals, travesties, transsexuals and transgenders lesbians in Brazil contemporary.

Key-words: homosexualities; culture; democracy.

Para aqueles que ainda não adivinharam, eu sou uma transformista, ou, o que sobrou de uma. Me apresento com o nome de Virgínia Hamn. Não soa como um chute na bunda? Deveriam ouvir alguns dos meus nomes anteriores: Anita Mann, Fonda Boys, Claire Voyant, Fay Ways, Bang-Bang Ladesh. Sim. Sou de uma raça em extinção. Bem, quando os direitos civis para os gays forem instituídos seremos varridas para debaixo do tapete, como os negros fizeram com Amos, Andy e Aunt Jamima. Mas está tudo bem. Com essa voz e esse rosto, não tenho porque me preocupar: posso dirigir um táxi.

Fala de Arnold Beckoff, interpretado por Harvey Fierstein, na primeira sequência de *Essa estranha atração*².

O primeiro romance escrito por João Silvério foi intitulado *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*³. O enredo é construído no entorno da figura de Melinha Marchiotti, uma atriz desaparecida e buscada pelo narrador-protagonista. Dizer que

¹ Professor Adjunto do Curso de História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Laboratório de Estudos em Cultura & Diversidade, Política & Diversidade.

² *Essa estranha atração (Torch song trilogy)*. Tragicomédia dirigida por Paul Bogart. Estados Unidos da América, 1988, 118 min., cor.

³ TREVISAN, João Silvério. *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Codecri, 1983. O primeiro romance publicado pelo autor foi, na verdade, o segundo a ser escrito: *Em nome do desejo* (São Paulo: Brasiliense, 1980). A primeira obra publicada foi o conjunto de contos *Testamento de Jônatas deixado a David* (São Paulo: Brasiliense, 1976).

tal enredo é construído “no entorno” não é indevido. São várias camadas narrativas, incluindo as aventuras amorosas e sexuais do narrador-protagonista, o diário de escritura do romance do escritor (J. S. Trevisan), as memórias de sua tia Helena, “a louca da família”.

A figura de Melinha Marchiotti, nunca encontrada, apenas entrevista, é, contudo, transgressora, como o próprio romance, recheado de descrições fáticas, narrativas de intercursos sexuais nas quais os fluídos e restos humanos – espermatozoides, saliva, excremento, sangue – assumem um lugar preponderante. Melinha – ou as lembranças ou visões dessa mulher – é um ser entre liberto e preso que, finalmente, consegue manter-se livre, tão livre a ponto de flunar, fluir em êxtase. O erotismo é o elemento definidor de todas as personagens do romance: Melinha, narrador-protagonista, o escritor. Essa obra foi escrita em fins dos anos 1970.

João Silvério Trevisan escreveu outros romances, contos, foi um dos editores do jornal *Lampião* (1978-1981), voltado para o público gay e lésbico e um dos co-fundadores do primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, o Somos, de São Paulo.

O homoerotismo, nos anos 1970 e no início da década seguinte, assumia um caráter contestador do gênero, do patriarcado, do machismo, da família nuclear e monogâmica. Os ingressos nas sexualidades não-hegemônicas questionavam, com suas práticas e representações políticas e estéticas, o cânon heteronormativo.

Quais são as dificuldades, então, dentro desta perspectiva mais ampla que nos aproxima da luta de outras categorias sociais, na tentativa que se faz hoje de definir muito concretamente o que significa ser **mulher**, ser **homossexual** ou ser **homem** (para ficarmos só com as classificações mais em evidência) em nossa sociedade? Duas questões, uma sobre a “irrelevância” desta terminologia, outra sobre o papel da história, podem nos ajudar a responder a esta pergunta. Quantos de nós, interessados nessas definições, já não ouvimos por toda parte algum comentário sobre a irrelevância desta luta, que seria sempre secundária em relação à luta principal – isto é, a da transformação geral da sociedade? (Um pouco como era “irrelevante” a luta de classes interna ao Brasil pré [19]64, face à luta “mais ampla”, que deveria congrega a todos, contra o capital estrangeiro? E que deu no que deu.) É tática comum em política apagar as diferenças internas para fazer frente a um inimigo principal. Só que o inimigo está dentro de casa, e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualizá-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha

específica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida.⁴

Trinta anos depois, pergunto: onde estará Melinha Marchiotti?

A ebulição dos anos 1960/70

Os anos 1960 foram marcados por um tensionamento social que atingiu um espaço geográfico deveras amplo, como os Estados Unidos da América, grande parte da Europa e regiões da América Latina. A pílula contraceptiva, criada em 1951, passou a ser comercializada nos Estados Unidos da América em 1960. Esse foi um elemento decisivo na desvinculação do ato sexual da reprodução. A partir daquele momento, a sexualidade poderia ser exercida sem maiores problemas pelas mulheres que não ambicionavam ter filhos (ou mais filhos). O movimento feminista⁵ sofreu, então, uma importante guinada e passou, juntamente com outros tantos, a compor o amplo espectro social que questionava os valores morais postos até aquele momento, exigindo maior participação na vida laborativa e pública, bem como gozando do direito ao prazer, constituindo-se como um espaço de luta intelectual e político, haja vista a produção, especialmente no campo das ciências humanas e sociais, constituindo, sobretudo em nosso campo, uma História das Mulheres, posteriormente ampliada para uma História de Gênero.

Concomitantemente, uma organização da juventude estadunidense, encontrado também na Europa, desenhava-se criticando, de forma enfática, o consumismo capitalista e os valores essenciais da família, como a monogamia, a nuclearidade, o machismo e o patriarcalismo. Produzindo suas próprias vestimentas e adereços, construindo comunidades alternativas à família instituída, os *hippies* se destacaram balançando padrões nos anos 1960 e 1970.

O visual desse grupo colorido e andrógino, trazendo homens de longos cabelos, questionava as configurações de gênero. O masculino e o feminino eram experimentados, com maior fluidez do que havia sido até então. Deve-se ressaltar

⁴ MARIZA. Nossas gaiolas comuns. *Lampião*, Ano I, número 1, maio-junho de 1978, p. 2.

⁵ Sobre o movimento feminista ver: FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempreviva, 1997; PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003; SAFFIOTI, Heleieth & MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF, 1994; TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ainda, que se tratava de algo surgido das camadas médias urbanas, não daquelas populares – inclusive porque essas se mantêm mais conservadoras no que tange à ideia de família e sua função social, amplamente influenciadas por valores religiosos. A utilização de drogas como uma maneira de ampliar a percepção de si e do mundo e o rock, estilo musical mais sensual e vibrante, vulgarizado no período, auxiliaram a compor uma determinada imagem desses indivíduos.

É nesse caldeirão borbulhante que gays e lésbicas fervilhavam, individualmente ou constituindo o que chamamos movimento de afirmação homossexual, formatando-se um novo campo de luta social de uma minoria sexual que ambicionava contrariar o preconceitos sofridos e buscava liberdade para exercer sem constrangimentos ou violência seu erotismo e sua forma de vida, compreendendo, ainda uma “subcultura gay”⁶.

No final dos anos 1970 as chamadas “minorias” sexuais, grupos marginais, tornaram-se, assim, mais visíveis e, conseqüentemente, explicitou-se a luta entre elas e os grupos conservadores – também mais acirrada em razão da própria visibilidade. Por outro lado, a denominação que lhes foi atribuída, minorias, parece imprópria. Em seu editorial, a revista *La Gandhi Argentina*, afirmava que “as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho gay, étnico, de gênero”⁷.

Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física⁸. Tal afirmação leva-nos a pensar que talvez a visibilidade hoje usufruída pelos gays ainda seja uma forma de segregação, pois que tal visibilidade dá-se em espaços específicos, como ocorria ainda em meados do século XX no Brasil.

Observamos que o embate, por si só, merece uma especial atenção de estudiosos da cultura. Mas o que o torna mais complexo é sua contínua

⁶ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freude, 2008, p. 67.

⁷ Editorial. *La Gandhi Argentina*. Ano 2, vol. 3, nov. 1998, p. 5.

⁸ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999; DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

transformação e instabilidade. O grande desafio é não apenas assumir que as análises teóricas sobre gênero e sexualidade se multiplicaram e que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários, mas também admitir que as fronteiras do conhecimento sobre esse tema venham sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual muitos desses sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

Formas de permanência da exclusão

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa a que qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido.

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos de espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia, e “hermafroditismo psíquico permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”...”⁹

Categorizado e nomeado como desvio da *norma*, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação, um lugar incômodo para se permanecer. Ousando se expor a variadas formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora dos limites previamente estabelecidos.

A ciência, a Justiça, as crenças, grupos conservadores, hegemônicos e/ou emergentes iriam atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante.

Novos discursos e práticas, porém, é algo deveras recente, uma vez que, somente a partir dos anos 1970/80, gradativamente, os movimentos sociais foram se diversificando, à medida que o “borbulhar” da década anterior se mantinha por meio

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1* – a vontade de saber. 13 ed, Rio de Janeiro:Graal, 1999, p. 96.

dos movimentos feminista, étnicos, ecológico e de liberação homossexual. Na academia – e em alguma medida transpondo seus portões – os núcleos de estudos da história das mulheres e, posteriormente, de gênero, seriam os responsáveis por divulgar tais temáticas, discutindo-as e publicizando tais reflexões por meio de obras – coletivas ou individuais – e periódicos¹⁰. No campo da História, porém, o homoerotismo não tem ainda gozado do mesmo tratamento. São poucos ainda os trabalhos sobre o tema.

A produção discursiva sobre o homoerotismo centra-se, fundamentalmente, em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante; a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade, mas um grande número de intelectuais e/ou homossexuais parecem estar de acordo de que se tratam de “tipos” humanos com demandas específicas e formas várias de experiência/representação do desejo.

Há uma miscelânea destes “tipos”. Não há que se pensar em algo como “o” homossexual, “a” lésbica, “o/a” travesti, “o/a” transexual, etc, bem como não há que se falar “na” homossexualidade. Já em fins dos anos 1970, o militante político Herbert Daniel apontava para a necessidade de não procedermos “essencializações” neste campo.¹¹ Vicente Parizi ressalta que mudanças recentes ocorreram na apresentação/representação dos homossexuais masculinos entre os anos 1950-1970:

As mudanças na percepção do que constitui um “homem gay” - da feminilidade vigente nos anos 1950 à hipermasculinidade dos 1970 – reflete o impacto profundo causado pela obra de Tom, que parece ter captado um movimento pré-existente na subcultura homossexual e dado-lhe forma: se tantos aderiram ao seu ideal hipermasculino, é porque esse ideal já existia, enquanto desejo, latente nos que a ele aderiram. Ou seja, Tom utilizou estereótipos já existentes na cultura e os definiu através de seus desenhos, revelando e tornando público o desejo de uma parcela dos homossexuais. É importante notar que, mesmo traduzindo o desejo

¹⁰ Há que se ressaltar a importância de núcleos como o Núcleo de Estudos de Gênero, Violência e Mulheres (NEGUEM), da Universidade Federal de Uberlândia, responsável pela publicação da *Caderno Espaço Feminino*, o Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal Fluminense, órgão publicador da revista *Gênero*, do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, que publica a revista *Estudos Feministas*, do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas, responsável pela publicação dos *Cadernos Pagu*, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia, de onde advêm o curso de Graduação em Gênero e Diversidade e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Gênero e Feminismos, e a Coleção *Bahianas*, e, na Universidade de Brasília, a publicação da revista *Labrys – Estudos Feministas*, dentre outras publicações e grupos de pesquisas voltados para os estudos de gênero.

¹¹ DANIEL, Herbert. Homossexual: defesa dos interesses?. *Gênero*, Niterói, vol. 8, nº. 2, 1º sem. 2008, p. 15-21.

inconsciente de outros, Tom era, antes e acima de tudo, fiel ao seu próprio desejo: o que retratava era seu tipo ideal, não o ideal coletivo. Encontramos aqui a coincidência entre o desejo do artista e o desejo coletivo, e por isso a tradução do desejo pessoal de Tom tornou-se a revelação do desejo coletivo.¹²

A exclusão das figuras determinadas socialmente por suas práticas sexuais diferentes daquela hegemônica (heterossexual) ocorre de longa data, incluso na tradição abraâmica que nos chegou e da qual o Brasil faz parte. As práticas consideradas perversas, ou ainda, o que os sacerdotes, juizes e reis¹³ do povo escolhido, da raça de Adão e dos patriarcas futuros, encararam como perversidades estão listadas em alguns dos livros que compõem o cânon religioso abraâmico. Nos livros comuns às bíblias (*Torá, dos Setenta, Romana e o Corão*), a referência às práticas sexuais impuras, abomináveis, encontram-se no Gênesis¹⁴ e no Levítico (lei)¹⁵.

Luiz Mott afirma que para os nossos ancestrais judeus e, em seguida, para toda a cristandade, a homofobia provinha, dentre outros elementos, do temor pela “ameaça desestabilizadora” representada nos amantes do mesmo sexo, na medida em que estes colocavam em xeque os costumes tradicionais daquela sociedade, tais como o “prazer desvinculado da procriação, a tentação da androginia e da unissexualidade, o questionamento da naturalidade da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero”¹⁶. Tratava-se da falocracia apresentada na superioridade javédica do homem e na segregação e subjogação das mulheres. Em uma cultura tribal com fortes traços militaristas e cujo aparato moral/religioso estava tão entranhado no governo da nação hebraica que se constituía, um homem que estivesse propenso a abdicar de sua virilidade ou de seu papel social viril estava fadado à ira

¹² PARIZI, Vicente. Uberman: mudanças na (auto)imagem masculina, homossexualidade e homofobia analisadas a partir de imagens produzidas por Tom of Finland. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 57-98. Cf. também: BESSA, Karla. História da sexualidade revisitada: “queering” a leitura de Michel Foucault. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 291-298.

¹³ O governo do povo de Israel (o escolhido por Deus a partir da aliança feita com Abraão, ou seja, sua descendência) foi exercido inicialmente pelos sacerdotes, depois por juizes eleitos pelas tribos e, finalmente, pelos reis, num período de unidade das mesmas. Cf. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 26-28.

¹⁴ Gênesis 19, 1-29.

¹⁵ Levítico 20, 8-27.

¹⁶ MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 4, nº 4, jan.-jun. de 2002, Edufu, p. 12.

divina, demonstrada pelas mãos de seus compatriotas dispostos a apedrejá-los frente à comunidade civil, religiosa e militar.

Doutra feita, Norbert Elias afirma que a existência do humano só pode se dar no interior do ambiente social. Conclui, ainda, que tal existência se efetiva através de figurações organizadas pelos agentes, de maneira recíproca, expressando as variadas formas de interação experimentadas por eles. Essas figurações que efetivam a existência do humano são caracterizadas por tensionamentos advindos da disputa pelo poder e pela interdependência intrínseca dos homens.¹⁷ A tradição javédica criou, no interior da sociedade abraâmica, figurações de si e do outro, bem como na interdependência estabelecida com os gentios. Na passagem do século XVIII para o século XIX, outro ser e outras figurações surgiriam.

Guy Hocquenghem inicia seu *Prelúdio* perguntando-se: “em que momento e através de que excesso de peso (...) alguém mergulha no papel de homossexual público (...) assumindo uma determinação social que permite descarregar sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento”?¹⁸ Guy explica que se forjou lentamente um personagem novo, dotado de substância psicológica própria (e, no princípio do século XX, de uma fisiologia própria criada pela medicina legal) que foi “o primeiro ser constituído a partir de uma chave oficialmente sexual”¹⁹.

Se, em um primeiro momento, tratava-se de um conjunto de atos punidos por um deus, naquele momento, a questão estava modificada para a punição, por parte da sociedade, de uma identidade, uma construção da persona. Uma nova figuração do outro se erigia naquele momento. A figuração deste outro (classificado como anormal, exceção) mostrava-se necessária para figurar a regra (o normal) – o heterossexual.

Jonathan Ned Katz localiza, no final do século XIX, a invenção da heterossexualidade como princípio médico, jurídico e religioso imediatamente contrário à noção recém criada da homossexualidade.²⁰ O autor observa que três ideias básicas foram veiculadas no processo de legitimação na norma heterossexista: 1) a necessidade de sobrevivência da espécie tornaria a heterossexualidade uma

¹⁷ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 23.

¹⁸ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 7.

¹⁹ Idem.

²⁰ KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

necessidade constante; 2) todas as sociedades reconhecem a diferença entre os sexos masculino e feminino e tal reconhecimento tornaria a heterossexualidade perpétua; 3) o prazer físico trazido pela união entre um homem e uma mulher é a base da perpetuação da heterossexualidade.²¹

A heterossexualidade surge, pois, na esteira da homossexualidade, esta compreendida como uma forma cabal de desejo erótico e prática sexual. Homossexualidade e heterossexualidade significam, assim, modos historicamente datados e específicos de dominar, pensar, avaliar e organizar socialmente os sexos e seus prazeres. Se a compreensão do outro (fora da norma) pautou-se inicialmente pela religiosidade (daquele que integra o centro do poder, dentro da norma), a sociedade contemporânea não poderia manter tal compreensão: seria necessário que o saber construído pela razão lograsse substituir o obscurantismo do além. O discurso científico (normatizador) figurava novos seres.

Hocquenghem afirma que a figura do homossexual só pode ser percebida por meio da existência do normal, ou seja, o homossexual apenas existe “de fora”, figurado pelo outro. Se podemos falar de “grupos homossexuais”, seus integrantes, “de dentro”, não se tratam por este termo.²² São bichas, viados, bibas, monas... O homossexual é, para as regras sociais burguesas e puritanas, assim, o outro. Não um outro qualquer, mas um outro balizado, avaliado, medido, enquadrado por aqueles que ocuparam/ocupam o centro hegemônico do poder (o “heterossexual”).

Se tomarmos a compreensão de Elias acerca dos “estabelecidos” e dos “*outsiders*”, podemos compreender a figuração do um e do outro em questão. O olhar estabelecido (por uma longa tradição religiosa e outra científica) heterossexual vê o outro (homossexual) como inferior. A norma é superior à exceção. Durante séculos, os homossexuais (*outsiders*) se viram em uma dupla jornada: por um lado, afirmaram-se a partir do olhar heterossexual, ou seja, apropriaram-se desse olhar que os lançava para baixo, interiorizando a inferioridade com que foram tratados; por outro, criando espaços próprios (mesmo que efêmeros) mantiveram-se a partir da sua própria classificação e construíram uma gama de aspectos identitários (quase todos pautados pela exclusão – de seus desejos e social).

²¹ *Ibidem*, p. 25.

²² HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 8.

As expressões da norma serviram para manter os heterossexuais no comando da formação de figurações de si e do outro, o homossexual. As ideias norteadoras da heterossexualidade citadas anteriormente por Katz serviram para isso. O patriarcalismo serviu para manter a ideia de superioridade do homem heterossexual – aquele que penetra, que com seu membro viril submete o penetrado, seja ele uma mulher ou um homem.²³ Aquele que é penetrado (homem ou mulher) é submetido, aniquilado, depreciado. Ainda assim, é o homem penetrado o “outro”, sujo, menor, menos importante. Um sentimento moral os separa, penetrantes e penetrados, lançando “para baixo” os últimos. Eles constarão dos sermões religiosos e dos catálogos de medicina legal. Serão fotografados, expostos. Os heterossexuais falarão deles abertamente e eles serão apontados nas ruas ou nos cárceres.

O eixo da inclusão/exclusão é aquele que norteará as ações dos heterossexuais em relação aos homossexuais no momento em que estes novos “seres” estavam sendo criados. É no final do século XIX e no começo do século XX, quando ambos “existem” como categorias, que as ações (de classificação, estudo, reabilitação, extermínio) são levadas a cabo por aqueles que, encontrando um lastro de unidade entre si, elegerão o “outro”, farão com que seja visto e que permaneça no seu lugar – aquele destinado à escória. Nas últimas décadas do século passado, seriam representados na mídia, das mais diversas formas.

Novos tempos (mesmo?)

No fim da década de 1980, lésbicas na novela *Vale Tudo*. Década de 1990, lésbicas morrendo na explosão de *shopping*. Uálber e seu amigo histriônico levantando audiência, mais uma vez no horário nobre. Em *Mulheres Apaixonadas*, duas adolescentes descobrem o amor e o preconceito. Nos programas de calouros as travestis que reinaram na década de 1980 deram lugar às *drag queens* divertindo os telespectadores domingueiros. As “paradas” figuram nas primeiras páginas dos jornais, revistas e têm destaque nos telejornais. Literatura homoerótica pode ser encontrada com certa facilidade nas livrarias, editoras lançam coleções específicas e

²³ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000, p. 56.

até uma editora GLS (a sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes) surge no mercado brasileiro²⁴. E?...

Vanderley e Odilon são muito unidos e vão pro Maracanã todo domingo/ criticando o casamento e o papo mostra que o casamento anda uma bosta.../ Yolanda e Adelina são muito unidas e fazem companhia todo domingo/ que os maridos vão pro jogo./ Yolanda aposta que assim a nível de proposta o casamento anda uma bosta/ e a Adelina não discorda./ Estruturou-se um troca-troca e os quatro: hum-hum... oquê... tá bom... é.../ Só que Odilon, não pegando bem a coisa, agarrou o Vanderley/ e a Yolanda ó na Adelina./ Vanderley e Odilon bem mais unidos empataram capital e estão montando restaurante natural cuja proposta é cada um come o que gosta./ Yolanda e Adelina bem mais unidas acham viver um barato e pra provar tão fazendo artesanato e pela amostra Yolanda aposta na resposta./ E Adelina não discorda que pinta e borda com o que gosta./ É positiva essa proposta de quatro: hum-hum... oquêi... tá bom... é.../ Só que Odilon ensopapa o Vanderley com ciúme e Adelina dá na cara de Yoyô.../ Vanderley e Odilon, Yolanda e Adelina cada um faz o que gosta/ e o relacionamento... continua a mesma bosta!²⁵

Edward MacRae nos informa que, no Brasil da abertura, os antigos códigos de atuação política foram questionados pela parcela mais jovem daquela sociedade que ambicionava uma revolução que perpassasse os âmbitos individual e coletivo na liberalização dos corpos,²⁶ talvez como consequência da redemocratização do país; na década seguinte, os grupos definidos por sua prática sexual não-hegemônica se institucionalizariam. A “parada” gay de São Paulo busca patrocínios para sua realização cada vez mais dispendiosa, um projeto de legalização de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo é apresentado à Câmara Federal.

Noutro sentido, um mercado foi criado, ou ainda, ampliado: o GLS. Os guetos voltados para os homossexuais abriram suas portas para os “simpatizantes”, e gays e lésbicas (sobretudo gays) foram/são buscados por um mercado cada vez mais setorizado que oferece hotéis, bares, grifes²⁷.

João Bosco e Aldir Blanc, em 1982, questionaram a novidade dos costumes na música citada, *A nível de*. Faz-se necessário, assim, questionar a “novidade” e a

²⁴ A Edição GLS foi criada em fins da década de 1990, sediada em São Paulo, publicando títulos voltados especificamente para o público gay, lésbico, bissexual, de travestis e transgêneros.

²⁵ BOSCO, João. *Comissão de Frente*. Rio de Janeiro: Ariola, 1982, faixa 2, A nível de, Composição de João Bosco & Aldir Blanc.

²⁶ MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

²⁷ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

eficácia da superexposição como jogo político adotado pelos grupos homossexuais (ou no qual eles foram lançados).

Se Hocquenghem afirma que na passagem do século XVIII para o século XIX os homossexuais foram transformados em figuras visíveis para a sociedade,²⁸ Katz lança este debate aliado à formação dos heterossexuais como grupo específico e hegemônico (moral e discursivamente) para o final do século XIX e princípio do século XX.²⁹ Ambos concordam, porém, que foi na década de 1960 que os homossexuais buscam sua visibilidade (que antes lhes era impetrada pela norma heterossexista).

Hocquenghem assinala, ainda, o caráter transformador silencioso das ações feministas e homossexuais. Afirma, porém, “que os termos ‘revolução homossexual’ ou, melhor dizendo, ‘revolução do homossexualismo’, não significam uma contestação social muito maior do que a revolução do automóvel, por exemplo”.³⁰ Isso se dá porque os processos de identificação dos grupos foram criados primeiro nos países capitalistas avançados que, muito rapidamente, agregam os novos valores dispostos por este grupo ao rol dos já existentes.

Podemos afirmar, por meio de tal constatação, que a chamada revolução homossexual – sua visibilidade, um conjunto programático-reivindicatório disponível nas disputas políticas a partir dos anos 1960 – não chega a desencadear mudanças mais profundas na sociedade, uma vez que é por ela fagocitada. Ora, se por um lado o mercado se apresenta voraz para encampar os possíveis consumidores, os modelos de relacionamento a eles disponibilizados não são, em muito, diferentes daqueles oferecidos para as moças de família do princípio do século XIX ou para os rapazes do final do século XX.

Os papéis pré-estabelecidos de penetrante e penetrado, o viril em oposição àquele que é efeminado, são mantidos. Vanderley e Odilon, Adelina e Yolanda não conseguiram tirar seus relacionamentos do estágio em que se encontravam quando os mantinham dentro da norma heterossexista (“a nível de proposta o casamento anda uma bosta”). Uma vez invertida a ordem dos casais, Odilon mantém a postura daquele que penetra e esbofeteia Vanderley, enquanto é Adelina que assume tal papel para dar na cara de Yolanda. Uma configuração aparentemente nova e

²⁸ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 9.

²⁹ KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Op. cit., p. 25-26.

³⁰ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 8.

“revolucionária” (porque lança os antes “outsiders” no campo da visibilidade não como algo censurado, mas como um novo valor) parece manter as coisas como estão (“e o relacionamento... continua a mesma bosta!”).

O preço da alta velocidade

No espaço globalizado diagnosticado por Bauman,³¹ o desengajamento se torna a tônica. Enquanto MacRae apontava para um processo de transformação que passava pelo indivíduo e pelo coletivo (que podemos compreender como uma trajetória que dá sentido ao “eu”, à medida que leva em consideração o “outro” na disputa por territorialidades alternativas), Bauman sugere um espaço marcado por uma aparência homogênea. Mesmo os diferentes se tornam bastante parecidos, sobretudo porque todos são lançados num turbilhão temporal que nos transforma em uma massa sem características definidas. E afirma que “os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas”.³²

A supervisibilidade dos grupos definidos por uma afetividade/sexualidade alternativa, que em outro momento foi dissonante da norma, parece não alcançar mais o seu sentido desagregador da ordem vigente, mas serviu para empapar os olhares e torná-los parte de uma paisagem deformada pela alta velocidade do trem em movimento.

Ao que tudo indica, estamos rodopiando no labirinto, sem que possamos perceber o entorno e, assim, escolher o caminho a seguir. Mesmo que seja um caminho que nos leve para mais uma parede ou outra encruzilhada, mas uma trajetória escolhida. O preço da alta velocidade da viagem é o enjoo.

Numa outra vertente, que trata o presente como um mal estar na contemporaneidade, Olgária Matos afirma que esse tempo (...) “é fatalizado pela ordem das urgências que significa uma oscilação na razão instrumental, o culto dos meios e o esquecimento dos fins. Ele é o reino das revoluções tecnológicas do

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

³² Ibidem, p. 12. Ver também: LASTÓRIA, Luis Camon Nabuco. Uma nova economia psíquica ou mutações tóxicas? Elementos para reflexão acerca da subjetividade contemporânea. In: DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio & VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 65-77.

progresso”, contudo, o que se verifica é (...) “a flexibilização dos direitos sociais (...) e o cidadão travestido de consumidor, (...) acentuando a superficialidade dos vínculos e uma pobreza interior (...) resumindo-se a um presente perpétuo”.

Nessa mesma lógica, Lastória observa que “vivemos um estado de violência”; a linguagem marcada pela ausência de interlocutores, cuja mediação simbólica dos conflitos fica entregue a apenas um controle formal do direito liberal que, sob o manto da igualdade, deixa se conduzir por uma lógica hedonista. Assim, para Lastória, esse presente se orienta

... cada vez mais para a correção das supostas insatisfações em vista do conforto de codificação como “justo” numa cultura que enaltece o “bem estar”. Ora, o campo da diferença entre os sexos, promovido pela medicina e legitimado juridicamente pelo direito, alcança, assim, na figura paradigmática do transexual, uma de suas expressões melhor acabadas.³³

Uma história inconclusa

Os anos 1960/1970 foram marcados por tentativas de construção de uma política identitária por parte de grupos sociais que sofriam com o poder do patriarcado heteronormativo e opressor, tais como os feministas (“nós, mulheres”) ou de liberação gay e lésbica (“nós, os homossexuais”). Tal estratégia, parece-nos, não conseguiu romper efetivamente com o lugar a que esses indivíduos estavam lançados. Assim, na década de 1990, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros modificaram a política de identidade homossexual proposta no período anterior e que revelava insuficiências. Gradativamente, surgiram proposições que tornariam o desejo e a prática homoerótica pertencentes ao domínio do campo jurídico, em face de a inserção social dar-se na mesma medida em que se utilizavam de modelos pré-estabelecidos do próprio *status quo*, como o matrimônio ou a constituição de família nuclear (mesmo que aqui, a maternidade/paternidade biológica seja substituída pela adoção, ou outros métodos).

Outra mola propulsora das mudanças de comportamento, a economia, oferece dados importantes para o surgimento de uma nova postura em relação aos homossexuais. A busca de novos mercados consumidores e a crescente segmentação

³³ MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2009, p. 91-106.

do consumo encontra, em determinadas parcelas dos homossexuais, pessoas com poder aquisitivo acima da média nacional. O cidadão homossexual, do ponto de vista mercadológico, possui características que o difere positivamente dos demais: não cabe a gays e lésbicas prover dependentes; em geral, são pessoas vaidosas e com alto potencial de consumo; são solteiros e, quando vivem com parceiros, não é comum a divisão dos papéis em “sustentador” e “sustentado” como ocorre tradicionalmente nas relações heterossexuais; representam um significativo contingente da população mundial. Atento a esses dados, o mercado passou a encarar os homossexuais como um nicho a ser explorado.

Uma chave de leitura para este fenômeno social é apresentada por Raymond Williams. Sobre seus conceitos de cultura residual e cultura emergente ele escreve: “por ‘residual’ quero dizer que algumas experiências, significados e valores, que não podem ser verificados ou expressos nos termos da cultura dominante, são, apesar de tudo, vividos e praticados sobre a base de um resíduo – tanto cultural quanto social – de alguma formação social prévia”³⁴. E continua: “por ‘emergente’ entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas significações e experiências, são criadas continuamente”³⁵.

Há um número relativamente grande de atores envolvidos nas disputas sociais permeadas pela sexualidade e as várias identidades e representações dela originadas. Várias formas de expressá-las podem ser percebidas e acionadas para compreendermos aspectos da sociedade brasileira das últimas décadas, notadamente no que concerne a uma cultura homofóbica e excludente e outras que ora se lhe opõem, ora caminham ao seu lado.

Raymond Williams³⁶ aponta uma perspectiva interessante: na sociedade, multifacetada, há grupos produtores de uma cultura hegemônica e outros que produzem uma cultura de oposição e aqueles que constroem uma cultura alternativa. Entendo a proposta de ruptura como uma cultura de oposição e aquela que pode conviver com a norma (ou nela inserir-se, ocasionalmente) como uma cultura alternativa.

³⁴ WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*. mar./mai. 1989. São Paulo: USP/CCS, 1989, p. 218.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

A partir da segunda metade dos anos 1980, passou-se a discutir muito mais a sexualidade em suas várias instâncias sociais. A preocupação em engajar-se no combate à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/Aids) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério de Educação e Cultura, passassem a estimular projetos de educação sexual – em 1996, o MEC incluiu-a como tema transversal nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais. Porém, as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida.

Durante os anos de 1970, gays e lésbicas assumiram um discurso unificador, o que possibilitava uma maior aceitação e a integração dos homossexuais no sistema social mais amplo. A maior visibilidade de gays e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava como antes. No entanto, tensões internas se faziam sentir: para uma parcela de lésbicas, o movimento repetia a supremacia masculina da sociedade patriarcal, o que fazia com que suas reivindicações permanecessem secundárias; para bissexuais e transexuais essa política de identidade era excludente e mantinha suas condições marginalizadas. O que estava sendo posto em xeque era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade. A comunidade apresentava cisões internas e seria difícil silenciar as vozes discordantes.

Multiplicaram-se os movimentos e os seus propósitos: alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários – tal como o movimento feminista, inspiração inicial para os homossexuais –, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, rompendo com os dualismos masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira. A nova dinâmica dos movimentos sociais de caráter sexual e/ou de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentada por elas.

Os homossexuais têm deixado o gueto nas últimas décadas e preferido a rua. Se tomarmos o sentido corrente de território, ou seja, o de espaço apropriado por um ator sintagmático, podemos afirmar que a rua se apresenta como um novo território construído por gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros? Por outro

lado, este pode ser um novo gueto, na medida em que este espaço é apropriado em situações específicas e sazonalmente, a partir da máscara e do riso³⁷ próprios do carnaval? Nem o território, nem a máscara, nem o riso duram o ano todo. Se há mais de um conceito de cultura disponível³⁸, é possível caracterizar os homossexuais de tal maneira a conferir-lhes uma “cultura gay”³⁹? Ou várias “subculturas gays”? Que cultura(s) seria(m) essa(s)? A transformação do discurso permeando-o de um caráter jurídico e de garantia de existência a partir do mercado não estaria trancafiando o desejo homoerótico num modo de vida alternativo e retirando-lhe quaisquer perspectivas de opor-se ao modo de vida dominante?⁴⁰

No início do novo século, o XXI, o sujeito homossexual e o movimento LGBT parecem estar, mais ou vez, em uma encruzilhada. Ou, nunca saíram dela. A política identitária dos anos 1970 tem sido criticada e a fluidez dos gêneros e da sexualidade têm sido buscadas/veiculadas como uma nova utopia. Entretanto, como experimentamos as rupturas e as permanências ao mesmo tempo, os integrantes da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros continuam a sofrer os mais variados tipos de violência, da injúria à eliminação física. Cabe aos grupos sociais o tensionamento para que se aprofundem as transformações. E cabe aos que buscam compreender a sociedade atenção para as rupturas mais sutis ou para as novas roupagens utilizadas para mascarar práticas tão arcaicas.

Referências bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BESSA, Karla. História da sexualidade revisitada: “queering” a leitura de Michel Foucault. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 291-298.
- BOSCO, João. *Comissão de Frente*. Rio de Janeiro: Ariola, 1982, faixa 2, A nível de, Composição de João Bosco & Aldir Blanc.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DANIEL, Herbert. Homossexual: defesa dos interesses?. *Gênero*, Niterói, vol. 8, nº. 2, 1º sem. 2008, p. 15-21.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.
- Editorial. *La Gandhi Argentina*. Ano 2, vol. 3, nov. 1998, p. 5.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

³⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003, p. 107.

³⁸ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 51.

³⁹ Termo utilizado por Green (Op. cit.) e Eribon (Op. cit.).

⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. Op. cit., p. 219.

- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freude, 2008, p. 67.
- FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempreviva, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. 13 ed, Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- LASTÓRIA, Luis Camon Nabuco. Uma nova economia psíquica ou mutações tópicas? Elementos para reflexão acerca da subjetividade contemporânea. In: DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio & VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 65-77.
- MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MARIZA. Nossas gaiolas comuns. *Lampião*, Ano I, número 1, maio-junho de 1978, p. 2.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2009.
- MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 4, nº 4, jan.-jun. de 2002, Edufu, p. 12.
- PARIZI, Vicente. Uberman: mudanças na (auto)imagem masculina, homossexualidade e homofobia analisadas a partir de imagens produzidas por Tom of Finland. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 57-98.
- PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SAFFIOTI, Heleieth & MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF, 1994.
- TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TREVISAN, João Silvério. *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Codecri, 1983.
- WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*. mar./mai. 1989. São Paulo: USP/CCS, 1989.